

Sally Hepworth

AUTORA BESTSELLER

# UMA MÃE COMO TU



«Uma homenagem  
ao poder da maternidade,  
do amor e do perdão.»  
Kirkus Reviews

TOP  
SEL  
LER

*Para o Christian*



# PARTE UM

.....

*O preço que pagamos pela glória da maternidade...*

ISADORA DUNCAN

# 1

.....

Quando o médico deu a notícia a Alice Stanhope, esta tinha o pensamento em Zoe. Estaria bem? Seria hoje um dia mau? O que estaria a fazer? Na verdade, Alice estava tão imersa nos seus pensamentos sobre a filha que, quando o médico aclarou a voz, assustou-se.

— Peço desculpa — disse ela. — Distraí-me por um momento.

O Dr. Brookes olhou para a enfermeira, que estava sentada à direita de Alice com a mão perto da dela, mas sem a tocar. O papel da enfermeira ainda não tinha ficado claro até este momento, em que se aproximou um pouco mais. Era evidente que estava ali para traduzir o discurso médico.

— Alice, o Dr. Brookes estava a dizer que, infelizmente, os resultados dos seus exames... não são aquilo de que estávamos à espera. Tendo em conta a ecografia, e agora os exames, temo que...

No relógio de parede, Alice reparou nas horas. 10h14. Zoe estaria na terceira aula do dia. Ciências. Estaria mesmo? De vez em quando, se não se sentisse com disposição, faltava a uma ou duas aulas a meio do dia. Alice defendia-a sempre. Na verdade, se não tivesse ido a esta consulta, poderia ter sugerido que Zoe passasse o dia em casa. No entanto, observou-a arrumar os livros e dirigir-se corajosamente à porta. De certo modo, os dias corajosos eram os piores. O sorriso tenso, o «Estou bem, mãe», era bem mais difícil de suportar do que o «Tenho dores, mãe, hoje não consigo ir».

— Alice?

Alice olhou para a enfermeira, cujo nome esquecera, e voltou a pedir desculpas. Tentou concentrar-se, mas Zoe espreitava nas sombras dos seus pensamentos, tanto que a enfermeira começou a *parecer-se* um pouco com a sua filha. A enfermeira era mais velha, claro, quiçá trintona, mas era bonita, com o mesmo cabelo cor de avelã e lábios rosados de Zoe, o mesmo rosto em forma de coração. Tinha, inclusive, a mesma palidez esbranquiçada e as mesmas olheiras roxas sob os olhos.

— Quer que lhe repita? — sugeriu a enfermeira.

Alice assentiu e tentou concentrar-se enquanto a enfermeira falava de uma «massa», de um marcador CA 125, de uma qualquer «ectomia». Sabia que a enfermeira (Kate, de acordo com o crachá) e o Dr. Brookes pensavam que ela não recebia a notícia com seriedade suficiente, mas Alice simplesmente não conseguia evocar os sentimentos de medo e pavor que se exigiam. Já passara por aquilo várias vezes. O esfregaço de Papanicolau irregular, o invulgar caroço no peito, a erupção cutânea que ninguém conseguia diagnosticar. Parecia ter jeito para atrair doenças e transtornos que exigiam investigação suficiente para se tornarem esgotantes do ponto de vista financeiro e emocional, mas — e sabia que devia estar grata por isso — ficava sempre aquém do evento principal. Agora voltava a acontecer. Estava preparada para passar pelos procedimentos — enquanto mãe solteira, dedicava-se a cuidar da sua saúde —, mas o que realmente queria era tratar do assunto, para que pudesse regressar ao trabalho.

— Alice — dizia Kate —, estou preocupada por estar aqui sozinha. Há alguém a quem possamos telefonar? Não temos nenhum contacto de emergência. Não tem um familiar ou um amigo...?

— Não.

— Não tem ninguém?

— Não — afirmou. — Sou só eu e a minha filha.

O médico e a enfermeira trocaram olhares.

Alice sabia o que estavam a pensar. *Como poderá ela não ter ninguém? Onde estão a família e os amigos?* Era provável que esperassem que se fosse embora para que conversassem sobre ela. Alice também mal podia esperar para se ir embora.

— Que idade tem a sua filha? — perguntou Kate, por fim.

— A Zoe acabou de fazer 15 anos.

— E... o pai da Zoe...?

— ... não faz parte do quadro.

Alice preparou-se para a reação. Sempre que partilhava esta informação, as mulheres tendiam a retrair-se e depois fazer um som de solidariedade, como se lhes tivesse contado que partira um tornozelo. A enfermeira, contudo, não reagiu de todo. Ganhou pontos aos olhos de Alice.

— E os seus pais? — perguntou. — Irmãos?

— Os meus pais já faleceram. O meu irmão seria completamente inútil enquanto contacto de emergência.

— Tem a certeza? — começou. — É que...

— É alcoólico. Um alcoólico *praticante*. Não que precise muito de praticar mais...

Nem um sorriso esboçaram. O Dr. Brookes inclinou-se para a frente.

— Sra. Stanhope...

— *Menina* Stanhope — corrigiu — ou Alice.

— Alice. Temos de marcar a sua cirurgia o mais cedo possível.

— Está bem. — Alice alcançou a sua mala e tirou a agenda. Virou as páginas até ao dia atual. — É possível à sexta-feira? Tenho folga nesse dia, exceto na primeira sexta-feira do mês, quando levo a Sra. Buxton ao seu encontro de Scrabble...

— Sra. Buxton? — disse Kate, de repente animada. Alice reparou que a enfermeira a confundira com um possível acompanhante que lhe pudesse dar apoio.

— Ah, não — explicou Alice. — Tem 83 anos. Eu cuido *dela*, não o contrário. É o meu trabalho. Quer dizer, não sou enfermeira, nem nada que se pareça. Faço companhia a idosos, cozinheiro para eles e faço limpezas. Faço de motorista. A empresa chama-se Ajudantes ao Domicílio de Atherton. — Alice divagava; precisava de se recompor. — Ora, portanto... a operação... é procedimento para um dia?

Houve um breve silêncio.

— Não, Alice, temo que não — disse o Dr. Brookes. Estava incrédulo. — A ovariectomia de Salpingo é uma grande cirurgia em que se retiram os ovários e as trompas de Falópio. Terá de ficar pelo menos umas noites no hospital. Quiçá uma semana, dependendo do que encontrarmos.

Algo se endureceu na voz de Alice.

— Uma... semana?

— Sim.

— Pois.

Parou um momento, engoliu em seco, e voltou a tentar.

— Bom, hum, quando a podem fazer?

— O mais cedo possível. Posso conseguir para segunda-feira.

Alice sentiu um abalo na consciência. A mão de Kate tocou finalmente a sua, e talvez tenha sido pelo choque, ou pelo momento anterior de camaradagem, mas Alice permitiu.

— Talvez a sua filha deva cá estar? — disse Kate. — Se vai ser o seu apoio principal, é provável que tenha de cá estar.

— Não — repetiu Alice. — A Zoe não precisa de se envolver. Não conseguirá lidar bem com isto. Não é uma adolescente normal.

O Dr. Brookes ergueu as sobrancelhas, mas Alice não se preocupou em explicar melhor. Os médicos davam-lhe sempre a volta, fazendo-a sentir que a culpa era sua ou, pior ainda, da filha.

— A Zoe não vai ser minha acompanhante — disse Alice, com contundência. — Ela não precisa de saber de nada disto.

O Dr. Brookes suspirou.

— Alice, não creio que esteja a perceber bem...

— Não há mais ninguém? — interrompeu Kate. — Um amigo? Um conhecido? Alguém que a leve para casa depois da cirurgia, que esteja consigo nas consultas?

Alice abanou a cabeça. O Dr. Brookes e Kate conferenciaram com os olhos.

— Conseguimos que uma assistente social entre em contacto consigo — acabou Kate por dizer. — Poderá vir consigo às consultas, organizar refeições, ou até conseguir acesso a um financiamento especial para despesas extra. — Em defesa de Kate, não era um discurso vazio; parecia genuinamente comprometida com o que dizia. — Alice, a questão é que vai precisar de alguém. Temos de fazer mais exames, mas a atual informação que dispomos indica que a sua condição é muito séria. Tem uma massa nos ovários, os seus níveis de CA 125 chegaram aos milhares, e tem líquido acumulado no abdómen, o que pode indicar que o cancro já se espalhou. Na melhor das hipóteses, se tudo correr bem na cirurgia, é bem provável que tenha de fazer quimioterapia. Faremos tudo o que está ao nosso alcance, mas, acredite em mim... vai precisar de alguém.

Se antes sentira um abalo, isto era um tiro de canhão que a atingia. «Cancro». Já tinham usado essa palavra antes? Não se lembrava.

Aparentemente apaziguados pela sua expressão (enfim a reação por que esperavam), o médico voltou a explicar tudo, porventura por uma terceira ou quarta vez. Alice voltou a distrair-se porque... não podia ter cancro. Nem tinha 40 anos, comia bem, fazia exercício de vez em quando. Mais importante do que isso, não *podia* ter cancro. Tinha Zoe.

O Dr. Brookes terminou o seu ensaiado discurso e perguntou-lhe se tinha alguma questão a colocar. Alice abriu a boca, mas não saiu nada. Pensou de novo naquilo que Kate dissera. «Vai precisar de alguém.» Alice queria dizer-lhe que estava enganada porque, se o que dizia era verdade, não precisaria de ninguém. No entanto, Zoe, sim.



## 2

.....

**E**nquanto coordenadora de Oncologia, Kate Littleton passava a vida a dar más notícias. Em cinco anos a exercer a função, dera a centenas de pessoas o que era, indiscutivelmente, a pior notícia das suas vidas, e em cinco anos não se tornara mais fácil. A consulta de hoje não era exceção. Quando o médico explicou a Alice Stanhope que tinha cancro, foi quase como se não lhe desse ouvidos. É provável que tivesse sido um caso severo de negação, motivo pelo qual pediam aos pacientes que levassem um acompanhante às consultas, para que ouvissem o que o paciente não conseguia ouvir.

Alice dissera que não havia ninguém. Seria possível? Em cinco anos na Clínica Stanford, Kate nunca ouvira aquilo. Na quimioterapia e no recobro a maioria dos pacientes estava rodeada de gente; o problema de Kate costumava ser conseguir que se fossem embora para que o paciente pudesse descansar. O cenário ideal, pela experiência de Kate, era que os pacientes tivessem um acompanhante principal. Havia qualquer coisa em relação aos pares, o yin-yang. Quando um ia abaixo, o outro estava forte; quando um se distraía, o outro ouvia. No entanto, Alice Stanhope não tinha uma única pessoa que pudesse nomear para caminhar ao seu lado naquela que seria a mais difícil viagem da sua vida, significando que Kate teria de fazer o seu trabalho um pouco melhor do que o costume.

Kate sabia que há uma coisa que todos os pacientes precisam mais do que médicos, enfermeiras, inclusive mais do que medicina, isto é, uma mãe. Alguém que os tranquilize, que os aconchegue, que lhes dê

aquele olhar confiante de que estão em boas mãos. Alguém que *lute* por eles. Aos 9 anos, após uma apendicectomia de emergência, Kate teve logo a certeza disso. O pai, viúvo desde que Kate era bebê, visitava-a todas as noites, mas era Ann, enfermeira de Kate com cabelo castanho curto e tornozelos grossos, quem a aconchegava antes de adormecer. Era Ann quem enxotava as enfermeiras mais novas do quarto e levava uma velha televisão e um gravador de vídeo com filmes infantis que alugara no Blockbuster a caminho do trabalho. Era Ann quem lhe dizia que tinha de comer as verduras. Naquelas duas semanas, Kate tivera uma mãe. Agora, Kate esforçava-se por ser essa mãe para os pacientes.

— Almoço?

Kate ergueu o olhar da secretária. O Dr. Brookes (Chris) estava à soleira da porta. Era tão alto que a cabeça quase penteava o topo da aduela. Tinha o botão de cima desabotoado e a pele com um tom azulado.

— Almoço? — Kate olhou para o relógio. — Ainda nem são 11 horas.

— Quando nos chamam para fazer uma cirurgia às 3 horas da madrugada, a hora de almoço é quando se tem tempo — disse ele. — É verdade, consegui marcar a cirurgia da Alice Stanhope para segunda-feira.

— Ótimo — Kate pegou numa caneta. — A que horas?

— Logo de manhã. Às 8 horas.

Kate escreveu os detalhes na agenda.

*Alice Stanhope: Ovariectomia de Salpingo bilateral*

Uma das coisas a que Kate não se habituava era não ser possível *ver* o cancro. Alice, em particular, tinha bom aspeto. Loira, magra, de cabelo curto desalinhado, era a imagem de Meg Ryan nos seus tempos áureos. A saúde personificada. Ficava sempre chocada por saber que alguém assim tinha cancro.

Chris encostou-se à ombreira da porta.

— O que achas que se passa com a filha da Alice? O que foi que ela disse? Que não é uma adolescente normal?

— Também fiquei a pensar nisso — disse Kate. — Quem sabe? Talvez tenha necessidades especiais.

— Caramba! Espero que não — afirmou ele, e ambos ficaram um momento em silêncio. Chris acabou por abanar a cabeça. — Bom, resta-nos cuidar da sua mãe de uma forma ainda mais especial, não é?

Por vezes, Kate adorava Chris Brookes.

— Tudo bem — disse ele. — Acho que vou à cafetaria buscar uma daquelas saladas embaladas em plástico. É provável que essas saladas provoquem o cancro que tratamos. Assim mantemos o nosso posto de trabalho...

Quando desapareceu pelo corredor, Kate acedeu ao correio de voz. Ouviu duas mensagens: a primeira, de uma mulher de meia-idade ansiosa pela informação sobre o recém-diagnosticado cancro da mama; a segunda, de David, que vira viagens baratas para Cancun e pensou que chegara a hora de uma segunda lua de mel.

«Ou como é que lhes chamam hoje em dia? *Babymoon*?»

O olhar de Kate voltou à agenda, concretamente ao lembrete por baixo da data do dia seguinte. Doze semanas. Escrevera-o há onze semanas e dois dias, quando vira as duas linhas cor-de-rosa a aparecer no teste de gravidez que prometera ao especialista de fertilidade que não faria. Já por duas vezes escrevera a mesma nota num lembrete, mas acabaram no lixo às sete e às nove semanas, respetivamente. Desta feita, chegara às doze semanas. Quase.

A verdade é que Kate não se esforçava por ser mãe só para os *pacientes*. Desde que se lembrava, fantasiava com o dia em que teria um filho seu. Já tinha dois enteados, Jake e Scarlett. Tinha David, o homem dos seus sonhos. Por mais contente que estivesse, havia ainda uma peça em forma de bebé a faltar ao puzzle. Crescia dentro dela, preparava-se para encaixar, alcançando a completude. Tudo o que Kate precisava de fazer era não o perder.

---

<sup>1</sup> Período de férias dos futuros pais que antecede o nascimento do seu bebé. [N. do T.]

### 3

.....

**N**a terceira aula do dia, de Ciências, Zoe tentava seguir as regras. Não as regras da sala de aula, mas as suas, e as suas regras eram bem mais extensas.

- Nunca pôr ambos os pés no chão enquanto sentada.
- Nunca tocar as partes laterais da cadeira.
- Nunca ser a primeira nem a última pessoa a sentar-se.
- Não há problema em observar a sala de aula, mas nunca olhar pela janela.
- Não deixar nada estranho vir à mente.
- Se forçada a responder a uma pergunta, nunca começar a resposta com «hum» ou «eu acho».

Cameron Freeman, dois lugares à sua esquerda, amachucava pedaços de papel e tentava atirá-los à nuca de Billy Dyer (o miúdo surdo), mas nunca alcançava o alvo. Zoe queria dizer a Cameron que parasse com aquilo, mas não era assim que ela resolvia as coisas. Não é que se preocupasse com o que Cameron Freeman achava dela (não se preocupava minimamente), mas, se o enfrentasse, as pessoas reparariam que ela existia, e isso era algo que tentava evitar a todo o custo.

— Muito bem, turma — disse o professor Bahr. — Encontrem um parceiro.

Zoe sentiu o estômago a dar voltas. Havia poucas coisas mais hediondas do que encontrar um parceiro. Olhar em redor, a troca de olhares,

a inevitável rejeição. À sua volta, as pessoas emparelhavam-se como ímanes e metal. Zoe, mesmo agora, não conseguia deixar de se espantar. Como conseguiam? Eram assim tão despreocupados como aparentavam? Por norma, quando o pedido era efetuado, Zoe tentava emparelhar com Emily, a sua única amiga. Quando Emily não fazia parte da disciplina (como Ciências), simplesmente baixava o olhar e tentava ser invisível. O professor acabava por a emparelhar com quem restava, geralmente Billy ou Jessie Lee, o *emo* de cabelo azul-turquesa e *piercings*. No entanto, hoje, ao ter em conta o seu defeito de não conseguir ser normal, deu por si a olhar em frente, momento em que reparou em Harry Lynch, curvado para trás com o cotovelo sobre a secretária de Zoe.

— O que foi? — murmurou ela, enquanto ele não desviava o olhar.

— Acabaste de dizer o meu nome.

Ele era louco? Por que raio diria ela o seu nome?

— Não disse, não.

— Disseste. Primeiro e último — disse, com naturalidade, em vez de escárnio. — Então porque é que eu estaria a olhar para ti?

Zoe sentiu-se corar, colorindo a cara com uma cor quente de vergonha. Era uma boa pergunta, o que tornava aquilo tudo ainda mais humilhante. Alguém como Harry nunca olharia de livre e espontânea vontade para Zoe. Ele não era propriamente bonito, mas escondia-o bem com a altura e por se parecer mais ou menos com todos os tipos que jogavam futebol americano. Terá dito o seu nome em voz alta? Por vezes, fazia coisas estranhas. Uma vez, na aula de ginástica, começou a cantar, por acidente, em voz alta (precisava de cantar para dentro para suportar o horror de fazer exercício e usar calções de ginástica em público). Seria tão louca como pensava?

Harry abriu a boca para dizer outra coisa, mas antes de proferir fosse o que fosse, Amber Jeffries já estava praticamente no seu colo.

— Queres ser meu parceiro, Harry?

Ela esboçou-lhe aquele sorriso lento e sensual que era, ao mesmo tempo, adorável e desesperado. O olhar de Harry virou-se para Amber.

— Claro.

Quando ele se virou para a frente, Zoe sentiu o coração a bater outra vez com força. Desviara-se de mais uma bala. Só faltavam cerca de 500 mil milhões de balas.

Até ao dia de amanhã.

\*

Uma vez, a mãe de Zoe pedira-lhe que lhe explicasse como era ser ela. Por um momento, pensou em contar a verdade.

*É como estar ancorada a areia húmida, imaginou dizer. Estar virada de costas para o mar, os ouvidos molhados, à espera da próxima onda. Querer-me virar, observar, ver o que aí vem, mas não me conseguir mexer. Por conseguinte, fico ali a imaginar. Hoje as ondas serão grandes? Será que virão, retrocedendo logo para me provocar? Ou virão a alta velocidade, caindo várias vezes sobre mim, enchendo-me o nariz e a boca de água até que os meus pulmões fiquem à beira do colapso? O pior de tudo é que não se sabe. Por isso, espero, impotente, imaginando o pior.*

Zoe imaginou a cara da mãe se ouvisse aquilo da sua boca. Então disse-lhe:

— É como não conseguir respirar. Sabes, um pouco tonta, um pouco tremulante. Mas é uma sensação breve, dura apenas uns minutos, desaparecendo logo em seguida.

Já era suficientemente mau que uma delas soubesse a verdade.

## 4

.....

**A**o apressar-se pelo corredor do hospital, Sonja viu o seu reflexo na janela e recuou. Exagerara no *botox*. *Sabia* que exagerara no *botox*. Não tinha a certeza de quando o começara a usar, mas, assim que começou, revelou-se surpreendentemente viciante. Primeiro na testa, em seguida nas linhas profundas que lhe prendiam a boca. Antes que desse por isso, tornou-se totalmente inexpressiva. Agora, por mais que tentasse, não conseguia mostrar o que sentia, o que, pensando bem, não era a pior coisa no mundo.

Quando encontrou a porta de Kate, estava um pouco sem fôlego.

— Sou eu — disse, a bater à porta.

— Podes entrar! — Kate sorriu. Era o género de sorriso que reconfortava. Revelava uma aura quase serena de bondade, pensou Sonja. Ou era porventura apenas juventude? Kate era trintona, ou pelo menos parecia. Cento e cinquenta anos mais nova do que ela.

— Ouvi dizer que tens um caso para mim — disse Sonja.

Enquanto assistente social do hospital, Sonja tinha «casos» que variavam muito. Num dia, tratava um caso de uma criança que fora admitida com lesões consistentes com abuso, noutra dia, de um caso de uma família que perdera o chefe de família num acidente. Ao lidar com um doente de cancro, assumia um papel geralmente mais administrativo, pondo o paciente em contacto com serviços comunitários, fornecendo assistência a preencher formulários e a lidar com seguradoras. Mas um dia nunca era igual ao outro. Outrora, era o que Sonja mais gostava do seu trabalho. Ultimamente, a incerteza do que teria pela frente inquietava-a.

— Tenho, sim — respondeu Kate. — Entra, senta-te.

Sonja sentou-se, olhando para a foto na secretária de Kate — uma foto de Kate com alguém que devia ser o seu marido. Na imagem, ela estava sentada no seu colo e ambos riam para a câmara, de cabeças levantadas e com os olhos apertados. Era daquelas fotos dignas de álbum — gente bonita com uma vida perfeita. Pessoas que faziam imenso sexo do bom.

— Tenho uma mãe solteira marcada para uma ovariectomia na segunda-feira — começou Kate. — Chama-se Alice Stanhope. Tem uma filha adolescente, mas ninguém que a apoie.

Sonja desviou o olhar da fotografia.

— Que idade tem a Alice?

— Quarenta.

— Quarenta? — Sonja sentia as sobrancelhas franzirem. A maioria das quarentonas tinha maridos, irmãos e amigos aos magotes. Clubes de ténis e grupos sociais que fornecem refeições todas as noites da semana. Era raro encontrar alguém tão novo sem uma rede de amigos.

— Sim. Não sei bem o que se passa — disse Kate, lendo-lhe os pensamentos. — Ela diz que não tem mais família além da filha.

Kate empurrou um ficheiro para Sonja. Esta abriu-o e examinou a página superior.

— Que idade tem a filha?

— Quinze anos.

— E qual é a sua situação financeira?

— Não tenho a certeza. Pensei que pudesses discuti-la com ela. Pareceu-me muito preocupada com a filha, pelo que também pode precisar de algum apoio nesse campo.

— Está à espera de uma chamada minha? — quis saber Sonja. Olhou para o ficheiro para confirmar se lá estavam todas as informações.

— Sim, mas é difícil saber quão recetiva se vai mostrar.

Sonja anuiu. Infelizmente, as pessoas que mais precisavam de ajuda eram, regra geral, as que menos a aceitavam.

— Ligo-lhe ainda hoje — disse ela, com a intenção de se levantar. No entanto, permaneceu sentada. Por vezes, quando se sentava, interrogava-se se alguma vez viria a levantar-se.

— Como é que te estás a ambientar? — perguntou Kate, confundindo a sua incapacidade de se levantar com um desejo de falar socialmente. — Vives em Atherton, não é? Eu também.



Sonja assentiu com a cabeça.

— Tenho algumas saudades de São Francisco — admitiu. A mudança repentina fora ideia de George, uma transição para a reforma, nas palavras do próprio. Sonja concordou, mas volvidos seis meses não tinha bem a certeza do que estavam ali a fazer. Atherton era um lugar agradável para se viver — na verdade, há uns anos fora considerado o código postal mais próspero nos Estados Unidos pela *Forbes*. A uma distância de vinte minutos de Silicon Valley, era casa de Sheryl Sandberg, do Facebook, de Meg Whitman, da HP, e de Eric Schmidt, da Google. (Sonja descobriria isto quando procurou Atherton no *Google*.) A maioria das casas, incluindo a de Sonja, estavam vedadas e fechadas num lote de pelo menos um hectare. Na rua, as pessoas sorriam e continuavam o seu caminho e as suas vidas. Isto enervava-a um pouco, ainda que fosse, estranhamente, perfeito para ela.

— Mas Atherton é muito agradável. Pequena, mas agradável.

Kate anuiu com educação.

— Bom — disse Sonja, conseguindo enfim levantar-se —, acho que telefono hoje à Alice.

Deu uma última vista de olhos à fotografia na secretária de Kate. *O teu casamento é tão bom como parece?*, sentiu vontade de perguntar. *Estás sempre feliz? Ou tens dias em que as coisas correm bem e outros em que te apetece conduzir em contramão?* Mas não podia perguntar nada disto. A felicidade é algo que se partilha, de que se fala, por que se pergunta. O sofrimento é algo que se vive dentro de portas, em silêncio, na solidão.

## 5

.....

— **C**ancro.  
Uma hora após sair da consulta, Alice ainda estava no parque de estacionamento do hospital. Como uma louca, disse a palavra em voz alta, para ouvir a que soava.

— Cancro.

*Cancro.* Foi estranho. Já devia ter dito a palavra centenas de vezes, mas hoje deixava-lhe outra sensação na boca. Mais corpulenta e, de certa maneira, mais ridícula, como as palavras «lantejoula» ou «bode expiatório». Seja como for, tudo aquilo era ridículo, não era?

Há duas semanas, fora ao médico com algum desconforto no ombro. Tivera uma das cada vez mais raras sessões no ginásio (retomadas por causa da barriga flácida cuja culpa atribuía ao excesso de *eggnog* no Natal) e tinha, pensava ela, exagerado no levantamento de pesos. No entanto, com a dor a persistir durante quase uma semana, apesar do ibuprofeno, Alice acabou por fazer uma visita ao médico de família.

— Desconforto na ponta do ombro? — perguntara a Dra. Hadley, quando Alice terminou a explicação.

— Bom... acho que é na ponta, sim.

— Melhora ou piora quando mexe o braço ou a cabeça?

Alice tentou mexer o braço e a cabeça.

— Não — respondeu. — É quase sempre igual.

— Tirando isso, sente-se bem?

— Sim.

— Não há hipóteses de estar grávida?

— Ainda é preciso sexo para isso?

Alice riu da própria piada. Era difícil acreditar que outrora o sexo era a sua droga, algo sempre nos seus pensamentos. Agora o sexo era como um amigo de infância de que se lembrava vagamente, uma amizade que não tinha intenção de reatar.

A Dra. Hadley, louvada seja, deixou escapar o comentário.

— Menstrua com regularidade?

Alice pensou nisso. Não era com uma regularidade exata, mas andava lá perto. No que a isso dizia respeito, não registara qualquer mudança.

A não ser...

— Bom, pode não ser relevante, mas... o meu fluxo tem sido maior do que o habitual, acho eu. Na verdade, há uns meses tive um jorro.

Estava a jogar bridge com Marie Holland, uma cliente de 90 anos, quando o sentiu. Estavam quase a terminar o jogo, pelo que Alice decidiu-se a levar a sua avante. Teve, contudo, de ficar de costas para a parede quando, minutos depois, pediu licença para ir à casa de banho. Era sangue suficiente para encharcar a roupa interior e as calças e deixar uma leve nódoa na poltrona. Limpou-a com uma esponja e cobriu-a com uma almofada, atribuindo as culpas a ciclos de menstruação cambiantes à medida que envelhecia. Em seguida, fez uma nota mental para mencionar o caso na próxima visita ao médico. Exatamente o que estava a fazer. No entanto, não conseguia perceber o que tinha aquilo que ver com o ombro.

— Muito bem — disse a Dra. Hadley. — Gostava de apalpar o seu abdómen, se não se importar. Para garantir que está tudo dentro da normalidade.

— Com certeza — respondeu Alice. — Mas sabe que estou aqui por causa do ombro, não sabe?

— Sei, sim. — A Dra. Hadley sorria enquanto conduzia Alice à marquesa. — O que quero verificar é se o desconforto que sente no ombro pode ser aquilo que chamamos dor referida.

Alice deitou-se.

— Dor referida?

A Dra. Hadley começou a apalpar-lhe a barriga.

— É uma dor sentida num local além do estímulo. Por exemplo, quando alguém tem um ataque cardíaco e sente dores no pescoço ou no maxilar, ao invés do peito.

Alice reparou que os dedos da Dra. Hadley abrandaram numa zona em particular. Olhava para a cara de Alice enquanto pressionava o local.

— Dói?

— Só um pequeno desconforto — admitiu. — Porquê?

A Dra. Hadley continuou a observar-lhe o estômago em silêncio, deixando-a à espera. A médica não tinha o hábito de deixar uma pergunta sem resposta.

— Porquê? — repetiu Alice. — Sente alguma coisa?

— Vou encaminhá-la para uma ecografia. O seu abdómen parece distendido e penso que é melhor jogarmos pelo seguro.

— O que pensa que seja? — indagou.

— Pode ser um quisto, ou até pedras na vesícula. Ou... — Sorriu.

— Pode ser um ombro dorido. Saberemos mais com a ecografia.

Volvidas duas semanas, Alice encontrava-se no parque de estacionamento do hospital. Com cancro.

Ligou o carro. Decidiu-se a ir trabalhar. Não era tão ridículo quanto parecia. Esta manhã, ia ao supermercado com a Sra. Featherstone em Menlo Park, e depois talvez à manicura. Alice conseguia, mesmo naquele dia, lidar com umas comprinhas. Se havia alguém habituado a seguir em frente com uma tragédia escondida no bolso, era Alice.

A caminho da casa da Sra. Featherstone, tudo parecia igual, prova de que nada mudara. A Sra. Featherstone vivia perto de Alice, na zona a norte da estação de comboios que Alice e Zoe chamavam carinhosamente «as barracas de Atherton». Apesar da alcunha, esta parte da cidade era adorável, apenas modesta em comparação com a restante área. Alice preferia-a à parte ocidental de Atherton, com as suas casas opulentas e falta de passeios (o que lhe dava a sensação de ser mal recebida, como se estivesse a invadir a zona, quando por ali caminhava). Hoje, as pessoas estavam na rua, a passear os cães ou a dar um passeio, a usufruir do bom tempo. Alice passou por um casal que teria 20 e poucos anos, a passear com os braços um pouco acima do traseiro do outro. Ambos usavam t-shirts e calções e enormes óculos de sol, com as vidas iluminadas de potencial, como se tivessem sido ali colocados para lhe recordar como a sua vida fora outrora. Funcionava. Vê-los trouxe-lhe imagens dela com a mesma idade, mas com calções mais curtos e óculos ainda maiores. Antes de tudo mudar. Era incrível a facilidade com que recordava tudo, quase 16 anos depois. Alice devia saber que, logo hoje, era uma questão

de tempo até se recordar do pai de Zoe. Ainda assim, a capacidade de odiar surpreendia-a sempre.

Alice chegou à casa da Sra. Featherstone com 16 minutos de antecedência, e estacionou ao virar da esquina. Depois, tirou o telemóvel da mala.

«Sei que é tentador», dissera-lhe Kate antes de se ir embora, «mas, faça o que fizer, *não vá ao Google.*»

Ao digitar as palavras «cancro do ovário» no *iPhone*, perguntou-se quantas pessoas seguiriam aquele conselho. Alice não era propriamente uma rebelde, mas sabia, no entanto, que era um conselho que não seguiria. Alguém conseguiria conter-se? Sabendo que havia um mundo de informação à espera na ponta dos dedos? Sabia, claro, algumas coisas sobre o cancro do ovário — a mãe morrera disso —, mas naquele tempo não havia *Google*. Confiara naquilo que o médico lhe dizia. Ou melhor, naquilo que a mãe lhe dissera que o médico lhe havia dito. Agora tinha uma verdadeira sobreabundância de informação à espera do seu toque.

Carregou em Procurar, e a hiperligação da Wikipédia apareceu. «O que é cancro do ovário?» O dedo de Alice flutuou por cima da ligação durante uns segundos, e depois carregou nela.

«**Cancro do ovário** é um cancro que começa num ovário.»

*Que útil*, pensou ela. Continuou a ler.

«Os sintomas podem incluir intumescimento, dores pélvicas, inchaço abdominal, entre outros.»

Alice estudou os sintomas. Intumescimento, está bem, mas ela era, afinal, uma mulher. Dores pélvicas, não. Inchaço abdominal, bom, não é o mesmo que intumescimento? Portanto, os sintomas eram... intumescimento? Se fosse esse o caso, todas as mulheres que conhecia tinham cancro do ovário, pelo menos uma vez a cada 28 dias.

*Lá está*, pensou ela. *Não passa de um erro terrível.*

Alice carregou nas hiperligações da primeira, da segunda e depois da terceira página dos resultados de pesquisa. Deu uma vista de olhos nos fóruns. Os primeiros sinais de alerta. Era chamada, aparentemente, «doença silenciosa», o que, para ela, lhe dava um toque de *glamour*. No entanto, nada mais em relação à doença parecia glamoroso.

Alice regressou ao *Google* e acrescentou a palavra «cura» à pesquisa.

O ecrã encheu-se de novo. Carregou em várias páginas, reconhecendo alguns termos, pois tinham sido mencionados na consulta. Ovariectomia de Salpingo, operação a que se submeteria na segunda-feira. Abriu um artigo na Medscape, da Dra. Stacey Ward.

«A ovariectomia é a exérese das trompas de Falópio (salpingectomia) e dos ovários (ovariectomia). Uma ovariectomia de Salpingo unilateral é apropriada para pacientes em que é impossível preservar um ovário, incluindo casos de rutura de gravidez ectópica com incapacidade de alcançar hemóstase sem a remoção das trompas e dos ovários, torção anexial em que os ovários e as trompas são necróticos, abscesso tubo-ovárico que não responde a antibióticos, ou uma massa ovariana benigna onde não existe mais tecido ovárico normal capaz de ser preservado. Uma ovariectomia de Salpingo bilateral é, regra geral, de três tipos: eletiva, aquando de uma histerotomia para condições benignas; profilática, em mulheres com risco aumentado de cancro do ovário; ou devido a malignidade. [emedicine.medscape.com/article/1894587-overview](http://emedicine.medscape.com/article/1894587-overview).»

Alice voltou a ler a descrição. Não achava que o médico lhe tivesse sugerido uma ovariectomia de Salpingo unilateral, pelo que presumiu que fosse bilateral. Equacionou se leria alguma coisa sobre isso. Significava que era mau retirarem-lhe os dois ovários? Mas por que razão não tirar os dois? Já não precisava dos ovários. Por conseguinte, o que estavam lá a fazer a ganhar cancro? Concluiu que era bom tirar os dois. Resolveria o problema de uma vez por todas.

Ainda bem.

Pousou o telemóvel, e deu um safanão a si própria. *Vá, recompõe-te, Alice. Está na hora de ir trabalhar.* À porta da casa da Sra. Featherstone, tocou à campainha e depois entrou usando a sua chave. Ainda mal tinha entrado, e já aparecia uma figura no vasto corredor.

— Alice!

Alice presumiu que devia ficar agradada por a filha da Sra. Featherstone, Mary, estar feliz por a ver, mas sentiu, ao invés, uma sensação de pavor. Fora Mary quem contratara Alice, afirmando que não podia, *de maneira*

*nenhuma*, cuidar da mãe, na medida em que tinha sua própria família para cuidar (dois filhos crescidos e casados e um marido reformado). Alice esperava que, tendo isso em conta, Mary não estaria muitas vezes por perto. Mas não teve essa sorte.

Na sua cozinha em *open-space* com ligação à sala de estar, viu a Sra. Featherstone sentada na cadeira habitual. Alice piscou-lhe o olho, o que foi retribuído. Ao seu lado, Mary mergulhou no sofá. Alice pôs-se atrás da bancada da cozinha e tirou um bloco de notas da mala.

— Bom, é oficial — anunciou Mary. — Odeio-o.

A Sra. Featherstone ergueu as sobrancelhas para Alice, em jeito de desculpa. Muitas vezes comunicavam desta maneira, em silêncio. Era difícil acreditar que alguém tão exigente com as palavras como a Sra. Featherstone pudesse ter dado à luz uma tagarela como Mary. (Uma vez, a Sra. Featherstone dissera a Alice: «Adoro os meus filhos, mas interrogo-me, enquanto mãe, se alguma vez acabará o meu dever.»)

Alice abriu o frigorífico e curvou-se para ver o interior. Havia um tomate e uma cenoura que já haviam tido melhores dias, mas podiam muito bem entrar num molho *bolognese*. «No poupar é que está o ganho», eis o lema da Sra. Featherstone. Alice acrescentou carne picada e uma cebola à lista.

— É claro que estou a falar do Michael — continuou Mary.

Como se tivesse de clarificar. Mary queixara-se muitas vezes do genro, Michael, durante os três anos em que Alice trabalhou para a Sra. Featherstone. Alice não tinha má opinião dele. Não havia alegações de casos amorosos ou de violência; era apenas peculiar em relação a limites pessoais. O que, tendo Mary como sogra, parecia inteligente a Alice.

Verificou o prazo de validade do leite e do iogurte.

— Depois de tudo o que fiz por eles, ele tem o descaramento de me dizer para dar algum espaço à Audrey! Diz que ela precisa de se habituar a estar sozinha com o bebé. Dá para acreditar? Sou a avó! Todas as filhas precisam das suas mães quando têm o primeiro filho.

Alice interrogou-se se ela teria razão. Teria gostado de ter a mãe por perto quando Zoe era bebé. Na vida, contudo, pelo menos na sua experiência, raras vezes se tem o que se deseja.

— A Audrey não disse, evidentemente, nada do género. É por isso que sei que ele está a interferir. Ela ter-me-ia dito se quisesse tempo sozinha.

— Teria mesmo, Mary? — perguntou a Sra. Featherstone.

— É claro que sim. É minha filha. As mães e as filhas não guardam segredos entre si. Têm uma ligação espiritual. Não é, Alice?

Alice levantou-se com uma alface mole na mão. Abriu a boca para falar.

— Seja como for, disse-lhe que não tem o direito de me dizer o que fazer com a minha própria filha. Não tem direito nenhum, sobretudo tendo em conta a maneira como os ajudei — continuou Mary, antes que Alice pudesse falar. — Emocionalmente, para não falar da parte financeira. Na verdade, tenho vontade de cortar na ajuda, para ver como é que se safam! A Audrey ficaria perdida sem mim. Não conseguiria funcionar...

A alface caiu da mão de Alice para o chão, aterrando com um baque.

— Alice? — ouviu a Sra. Featherstone dizer. — Alice? Estás bem, querida?

*Mães e filhas não guardam segredos...*

*Ficaria perdida sem mim...*

*Não conseguiria funcionar...*

Alice queria responder, mas não conseguia que a boca proferisse qualquer palavra. Respirou fundo e voltou a tentar, mas foi atingida de repente por uma profunda sensação de horror. Viu o seu reflexo na janela. Tinha os braços entrelaçados ao meio do corpo e balançava como uma mulher à beira da loucura.



## 6

.....

**Z**oe levantou a mão, dez minutos antes da hora de almoço. A turma dividira-se em grupos para discutir o trabalho, pelo que se ouvia um burburinho geral na sala, o que tornava aquilo tudo um pouco mais suportável. Ainda assim, de mão levantada, sentia-se em palco sob os holofotes. Como se milhares de insetos rastejassem sobre ela.

— Sim, Zoe? — disse o professor Crew, quando enfim reparou nela. Demorara pelo menos um minuto, o que não chegava nem perto de um recorde. Ela facilitava a vida às pessoas para que não reparassem que existia.

— Posso ir à casa de banho? — perguntou, muito baixinho.

O professor Crew bateu na orelha como se tentasse soltar qualquer coisa.

— Estou cada vez mais surdo. O que é que disseste?

— Casa de banho — repetiu Zoe, apavorada. — Tenho de ir.

Era o Ardil 22 com que lidava diariamente. Podia usar a casa de banho à hora de almoço com uma data de gente do outro lado da porta (tortura), ou levantar a mão e pedir para ir durante a aula (também tortura). Nalguns dias, não fazia uma coisa nem outra, esperando, ao invés, até chegar a casa. Mas hoje precisava mesmo de ir.

— Faltam dez minutos para a hora de almoço, Zoe — retorquiu ele, olhando para o relógio. — Não podes esperar?

Alguns miúdos ergueram os olhares, por um breve momento, das suas secretárias.

— Hum, não — murmurou ela. — Não posso.

Ele revirou os olhos.

— Tudo bem. Força.

Ao sair da sala, sentiu os olhares de todos sobre si. Também conseguia ouvir os seus pensamentos. *Porque é que é tão estranha? Por que razão cora tantas vezes? Porque é que precisa sempre de ir à casa de banho?* Pela milionésima vez, Zoe ansiava ser invisível.

Usou o cubículo do fundo, aquele com lavatório, para que não tivesse de olhar-se ao espelho enquanto lavava as mãos. (Começara a evitar espelhos quando chegou à puberdade e os seios se esqueceram de ler o memorando. Por sorte, não fora vítima da acne cruel que residia em cada maxilar e cada nariz dos adolescentes, mas *tinha* sido amaldiçoada com uma testa anormalmente grande, algo que esperava que fosse só da sua cabeça, até que na semana passada deixara cair cinco dólares no refeitório e alguém lhe disse atrás de si «Ei, testas, deixaste cair dinheiro!». Quando perguntou a Emily se tinha uma testa gigante, esta franziu as sobrancelhas e disse «Quer dizer... tens algo de Rihanna, mas é giiiiro!». Emily uma vez disse que uma borbulha era «giiira», pelo que Zoe não estava tranquilizada.)

Zoe regressou à aula a velocidade de caracol. A campainha tocaria a qualquer momento e podia muito bem passar sem o espetáculo de voltar a entrar. Era nestes momentos que desejava *Rivotrib*. Apenas um doce comprimido para tornar tudo se não bem, pelo menos melhor. No entanto, o problema da ansiedade era que se preocupava com tudo, incluindo a toma de medicamentos. E se os comprimidos a fizessem fazer coisas estranhas, e se se viciasse? O debate culminou num ataque de pânico intenso, duas semanas após serem receitados, enquanto estava na casa de banho com *Rivotril* na mão, equacionando se o deveria tomar. (Desde então, o frasco permanecia no armário da casa de banho para uma emergência.) A terapia terminara de maneira semelhante — *Olá??* Conversa cara a cara; Zoe ficara tão ansiosa que forçara a mãe a deixá-la interromper a medicação há um ano.

Preparara-se, portanto, para o pior.

A hora de almoço era, sem margem para dúvidas, a pior parte dos dias de Zoe, mas hoje seria ainda mais cruel, pois Emily encontrar-se-ia

<sup>2</sup> Ansiolítico da classe dos benzodiazepínicos. Age diretamente no sistema nervoso central, deprimindo a sua atividade e reduzindo a ansiedade. [N. do E.]

com ela no refeitório, em vez de nas escadas, o usual ponto de encontro. Zoe sentia-se absurdamente constrangida ao atravessar o corredor. Estaria a andar com demasiado desleixo? Demasiado hirta? Teria a braçadeira desapertada? A t-shirt enfiada na roupa interior? Estariam a olhar para a sua testa gigante? Já era mau o suficiente caminhar ao lado de Emily, mas sozinha era um género de tortura desumana.

Quando tocou a campainha, caminhou até à fila, pegou num tabuleiro — algo a que se agarrar — e arrastou-se até à caixa, numa tentativa de se misturar com os outros. A tríade de raparigas à sua frente encheu os seus tabuleiros de comida processada gordurosa — batatas fritas e macarrão com queijo. Estavam envolvidas numa conversa sobre *reality shows*, uma conversa tão fácil e natural que dava vontade de chorar a Zoe. À sua volta, as pessoas conversavam com fluidez, enquanto Zoe fingia ter interesse na comida horrível atrás do vidro. Zoe disparou um olhar de desejo às empregadas, ansiando poder ser uma delas: ocupada no seu posto, sem necessidade de se sentar, ser sociável e fazer conversa. Quando chegou ao fim da fila, deslizou para cima do prato uns anéis de cebola (não os comeria, mas poderia brincar com eles no prato durante cinquenta minutos para ter algo com que se entreter) e avançou até à caixa.

Depois de pagar, avaliou o refeitório com discrição. Ela e Emily não tinham propriamente um lugar habitual; improvisavam, um termo cunhado por Emily para descrever a ação de mudarem sempre de sítio. Zoe preferiria ter um lugar habitual, um sítio que sabia que estaria lá sempre à sua espera, mas se Emily queria improvisar, improvisavam.

Zoe e Emily não eram propriamente *geeks*; eram mais zés-ninguém, não pertencendo aos contactos telefónicos dos outros. Para Zoe, tudo bem, mas Emily estava determinada em melhorar o seu estatuto social a qualquer custo. Era descarada na altura de conversar com rapazes mais populares, como se fossem bons amigos. («Ei, Fred, grande jogo ontem à noite, meu! O próximo passo é o Super Bowl?») O seu otimismo era encantador, para não dizer embaraçoso. (Como no dia em que abordou Amber no parque de estacionamento e lhe pediu boleia para casa. Amber nem tentou conter o gozo e riu-se às gargalhadas ao sair de carro do parque. As bochechas de Emily ruborizaram um pouco, mas recompôs-se e acenou enquanto Amber saía do parque de estacionamento.) Zoe sabia que Emily desejava fazer parte dos miúdos populares, mas em vez de se sentir em baixo, mantinha-se concentrada num plano

— a próxima pessoa com quem poderiam fazer amizade, a próxima festa a que poderiam ir. Felizmente para Zoe, os planos de Emily saíam sempre gorados.

Zoe sentara-se ao lado de Emily na sala de aula no primeiro dia do ano letivo, e Emily agarrou-se logo a ela (por mais estranho que pareça, não foi ao contrário) dizendo que achava que ela tinha «um ar misterioso?» e que «*desejava* tanto poder ser misteriosa». Zoe tinha dúvidas quanto a isso, mas deu boas-vindas à amizade. Emily fizera-se convidada à casa de Zoe naquele primeiro dia, e esta ficou perplexa por aquela perspectiva não a enervar. A sua mãe quase se engasgou com o vinho quando Emily, toda alegre e feliz, entrou na sua casa. Os «amigos» anteriores de Zoe eram todos estranhos e esquisitos (como Carla, a rapariga com obesidade mórbida, que, numa noite em que dormiu na casa delas, entrou à socapa na cozinha e comeu tudo o que havia no frigorífico, incluindo os temperos, saindo durante a noite, pela calada, nunca mais voltando a falar com Zoe). Depois veio Emily, uma miúda normal, simpática, que achava Zoe formidável. E com Emily — desde que estivessem sozinhas — Zoe *era* formidável. Não havia uma boa explicação para aquilo; Emily era, pura e simplesmente, uma das suas «pessoas seguras». Pensara no termo «pessoas seguras» numa das poucas sessões de terapia, e parecia adequar-se à amiga. Mas tinha poucas pessoas daquelas na sua vida. Tinha a mãe. Emily. O avô, antes de morrer. Alguns dos idosos de que a mãe cuidava (havia tão pouco de ameaçador nos idosos). E outrora alguns dos seus amigos desajustados que, assim que se apercebiam daquilo que estava errado nela, se mudaram para campos de amizade mais verdes. Era provável que o mesmo viesse a acontecer com Emily.

Caminhou devagar, à procura de um sítio onde se sentar. Algumas mesas tinham lugares vagos, mas nenhuma tinha lugar para mais dois. Ao fundo da sala, havia umas mesas vazias, mas eram uma má ideia — qualquer pessoa poderia lá sentar-se e teria de passar uma hora inteira com ela. Reparou que Harry Lynch se sentara sozinho numa mesa ao canto, ao invés do seu lugar habitual com os outros jogadores de futebol americano —, mas quando se era tão popular como ele, podia fazer-se isso. Tinha na mão uma tosta de queijo, suspensa a meio caminho entre o prato e a boca. Observou-a por um momento, pousando-a novamente no prato.

Zoe apressou-se.

Sentou-se, por fim, numa mesa vazia virada para sul, e empurrou os anéis de cebola para o lado. Zoe não tinha propriamente um transtorno alimentar; apenas não comia à frente de outras pessoas. Na sua perspectiva, havia grandes possibilidades de correr mal. Deixara-se consumir pela maneira como mastigava, pela maneira como a boca abria e fechava, se deixaria um brilhante resíduo de gordura nos lábios. Para não falar do campo minado de profanidade se algo se metesse entre os dentes. Eram preocupações normais. No entanto, enquanto uma pessoa normal teria um espelho ou guardanapos na mala, Zoe deixara de comer em público. Falar em público era-lhe um horror similar, algo a ser evitado a todo o custo se fosse possível.

— Desculpa! — afirmou Emily, batendo com o tabuleiro na mesa. — Ufa.

— Onde foste? — indagou Zoe, logo arrependida. Não queria ser a amiga possessiva que exige um relatório completo sempre que a amiga vai à casa de banho. Sobretudo porque Emily lhe contara que tivera uma amiga assim e que isso a irritava imenso.

— Tenho novidades — anunciou Emily, alongando a palavra «novidades» como uma cantora lírica. Foi giro e encantador, tal como Emily. Fazia com que Zoe tivesse vontade de ser gira e encantadora.

— E então?

Emily trespassou-a com o seu olhar azulado.

— Hum, deve ser a coisa mais inacreditável que poderia ter acontecido. Não vais comer isto, certo? — perguntou, gesticulando para os anéis de cebola da amiga.

Zoe empurrou-as na direção de Emily.

— Conta.

— Vou encontrar-me com... com... com o Cameron Freeman!

— Cameron Freeman? — exclamou Zoe, esperando que passasse por descrença entusiasmada em vez da verdade, ou seja, que considerava Cameron um idiota.

Emily assentiu com a cabeça, com os caracóis ruivos a agitarem-se. Odiava aqueles caracóis, mas Zoe adoraria tê-los. O seu cabelo, castanho e liso, era tão desinteressante quanto ela.

— E tudo por tua causa.

— Ah, sim?

— Hum-hum. O motivo por que aconteceu é... o Seth quer encontrar-se contigo.

Zoe fez uma breve pausa.

— A sério?

— Sim! — guinchou Emily.

Seth tinha muitas aulas com Zoe, mas nunca passaram além de uma curta troca de palavras. Seja como for, Zoe não trocava palavras com muita gente. No entanto, agora que pensava nisso, ele sentara-se ao seu lado num par de ocasiões, e talvez até tenha sorrido uma ou duas vezes.

Zoe ficou com um ar desiludido.

— Oh, vá lá — disse Emily. — O Seth é adorável, ainda que seja esquisito.

Seth *era* adorável, mas esquisito. Baixo e de aspeto pré-adolescente, tal como Zoe. Ele e Cameron eram primos, motivo mais provável pelo qual andavam juntos. Se não privasse com um primo popular, Seth seria relegado a um comum zé-ninguém, tal como Zoe e Emily. É provável que fosse perfeito para ela, caso Zoe tivesse encontros amorosos com rapazes.

— Devias ter visto o Seth há bocado, parecia que estava a ter um orgasmo de alegria! — Emily arregalou os olhos. — «Achas que ela vai mesmo sair comigo?» «Não achas que é muita areia para o meu camião?» — Mordeu um anel de cebola com regozijo.

Zoe tentou imaginar o cenário que Emily acabara de descrever. Emily e Seth a conversar sobre *ela*.

— Disse-lhe que aceitarias, mas só se eu também fosse; usei o trunfo da timidez. Depois disse que seria megaestranho só nós os três, e depois... tcharan... o Cameron disse que também ia. Ou seja, aquilo que eu almejava desde o início.

Zoe sentiu-se deveras embaraçada.

— Disseste-lhe que eu ia?

— Por favor, não faças isso — Emily estreitou os olhos.

— Fazer o quê?

— Levar tão a peito. Isto é *bom*. O Seth é giro.

Zoe tentou respirar, agir com normalidade. Mas Emily olhava-a demasiado de perto.

— Não é para sempre, Zoe, é só um encontro. Até sugeri um filme para que não tenhas de conversar.

Com aquela última afirmação, a atitude de Emily alterou-se um pouco, só um pouquinho, mas Zoe estava habituada a esse género de coisas. Notava-se alguma irritação na sua voz. Um aviso. *Faz isto*. O pânico começou a invadi-la. Era agora. Entregaram-lhe um ultimato — ou o encontro ou a amizade. Só que, no seu caso, não era um ultimato. Os ultimatoss acarretavam uma escolha.

— Sei que detestas as pessoas e, regra geral, ser sociável — continuou Emily. — Percebo isso. Olha, até acho fixe. És uma rapariga estranha. Mas, *vá lá!* É só uma noite. Se és minha amiga, fazes isso por mim — Emily suplicava. Zoe nunca a vira suplicar. — Sabes bem que o faria por ti.

Zoe sabia isso. Emily já dera provas suficientes. Sentava-se com ela, só as duas, porque era o que Zoe preferia. Passavam as noites de sábado a ver filmes. Emprestava-lhe (e deixava ficar) a saia preta que fazia Zoe sentir-se menos horrível, ainda que em Emily ficasse uma coisa do outro mundo.

— Zoe, vai correr tudo bem, está bem? Prometo. — Agora Emily estava mais calma. — Vou lá estar contigo. E o Seth está tão louco por ti que nem se vai importar se falas ou não. Pensa nisso como um encontro comigo. Não te passas quando vamos ao cinema, pois não?

— Pois.

Emily sorriu para ela com uma sensação de finalidade que dizia *Boa, então está combinado*. Zoe lutava contra as lágrimas que brotavam nos seus olhos. Como já era hábito, sentiu saudades imediatas e agudas da mãe. Interrogava-se sobre o que significava o facto de, aos 15 anos, quando as coisas não corriam como o planeado, a primeira coisa que desejava era a sua mãe.

## 7

.....

**A**lice estava deitada no sofá, sem deitar uma lágrima e dormente. Na sua mente pairavam as mesmas três coisas à vez — cancro, Zoe, o colapso diante da Sra. Featherstone e de Mary. Por mais incrível que pareça, foi a Sra. Featherstone quem assumiu o controlo, dando instruções a Mary para encontrar lenços e insistindo para que Alice fosse logo para casa.

Agora, Alice cruzava as pernas na mesa de centro, por pouco não atingindo *Kenny*. Raio do gato que estava sempre no caminho! *Kenny* sempre enervava Alice, pela maneira como se esgueirava, sorrindo como se conhecesse o seu segredo mais bem guardado e o fosse divulgar. Zoe dizia que era a «sabedoria» do gato que lhe conferia aquele aspeto. Há algo que se pode dizer em defesa do gato: era um dos poucos seres vivos com quem Zoe se sentia confortável e, até, tranquila. Por conseguinte, o gato tinha o respeito contrariado de Alice.

Aos seus pés estava um monte de contas por pagar, incluindo aquelas das consultas médicas, coisas para as quais precisava de arranjar dinheiro. Ao verificá-las, Alice considerou pela primeira vez as implicações financeiras do seu diagnóstico. Tinha um negócio estável — na verdade, tinha tanto trabalho que contratara recentemente dois trabalhadores em horário parcial —, mas não era muito lucrativo. Conseguia sempre pagar as contas, mas não tinha poupanças, dinheiro para usar além do seu salário. Se, de facto, tinha cancro, significava que teria muitas horas sem trabalho, e na sua atividade se não se tem trabalho, não se recebe.



Deixou-se fantasiar, apenas por um momento, sobre haver dois salários em casa. Do marido e da mulher. O género de vida em que uma doença significava uma oportunidade para descansar, dormir, ser cuidada por familiares. Poderia concentrar-se em ficar boa e deixar os stresses diários para outros. Tinha vergonha em admitir que considerava aquele cenário algo, digamos, atraente. Como se o cancro fosse um salão de beleza, uma oportunidade para ter um tempo só para si. Naquele cenário, a situação financeira acabava sempre por funcionar. Seja como for, não seria preocupação do doente. Perguntava-se se seria assim, no caso de ter casado e educado Zoe com alguém. Deixou-se levar, com alguma indulgência, por aquele pensamento. Mas só por um momento. Se pensasse muito naquilo, recordaria os motivos por que não casou. A recompensa psicológica desse pensamento não compensava.

Tocou o telefone. Era Kate, a enfermeira do hospital.

— Como tem passado — perguntou Kate, com gentileza —, depois do que lhe aconteceu de manhã?

— Estou bem — disse Alice. — Tirei a tarde para descansar.

— Foi uma boa decisão. Tem muito para assimilar.

— Portanto, o que devo saber? — perguntou Alice, assim que as delicadezas saíram do caminho.

— Não pode comer nada depois da meia-noite na noite anterior à operação. No dia da cirurgia não pode usar maquilhagem, cremes, desodorizantes, joias, *piercings* ou unhas acrílicas.

— Nada que desvie a atenção dos médicos das suas mulheres — afirmou Alice. — Entendido.

Houve um curto silêncio e, por um momento horrível, Alice pensou que teria de explicar que estava a brincar. Em seguida, veio enfim o riso forçado.

De repente, Alice sentiu saudades do pai. Sabia que, se ele ali estivesse, riria às gargalhadas. Pensou naquele dia estranho e triste em que regressara à casa de família após a morte da mãe. Alice tinha 25 anos. O irmão, Paul, virara-se para o melhor amigo, *Jack Daniel's*, para o ajudar a suportar o suplício, pelo que ficou nas mãos de Alice ajudar o pai a ultrapassar a mágoa. Estava sentado no sofá verde de veludo, a ver um filme de família a preto-e-branco, quando ela lá chegou. Alice espreitou para dentro da sala, viu-o chorar a plenos pulmões, enquanto uma imagem a preto-e-branco da mãe, visivelmente grávida e a fumar um cigarro (pois era

isso que se fazia naquele tempo), falava para a câmara. Alice tentou sair dali sem ser vista, mas o pai olhou logo para a porta, limpando uma lágrima com astúcia.

«Estava à procura dos meus filmes pornográficos», disse por fim, encolhendo os ombros, «mas isto foi tudo o que encontrei.»

Alice sempre considerou que o humor é o melhor amigo da tragédia. O pai concordava. Há um ano, minutos antes de morrer, assustou uma enfermeira no hospital que, reparando que o seu peito acalmara, se curvou sobre ele para ouvir a respiração. Esperou que estivesse bem pertinho até lhe sussurrar «Bu!» ao ouvido. Minutos depois, ainda Alice ria às gargalhadas, ele já não se encontrava neste mundo.

Kate prosseguiu com a lista. Alice distraiu-se até à parte em que disse «Se tiver um testamento vital, traga-o no dia da operação.»

*Testamento vital*, pensou Alice. Por mais que tentasse, não conseguia encontrar nada engraçado para acrescentar.

— A Sonja, uma das assistentes sociais do hospital, entrará em contacto consigo de modo a dar-lhe o apoio necessário nas semanas seguintes. E, Alice, estou aqui se tiver perguntas. O meu número de telefone está no cartão que lhe dei, e pode ligar a qualquer hora.

Alice desligou a chamada, recordando apenas alguns detalhes daquilo que foi dito, mas tendo a certeza de que tudo estaria no e-mail que Kate prometera enviar. Alice pensava que ela era séria de um modo reconfortante. Fosse ou não encenado, Alice acreditava que a enfermeira Kate, de facto, estaria lá para o caso de ela ter perguntas.

Atirou o telefone para o sofá ao seu lado, mas este começou a tocar novamente. Alice silenciou-o. Não queria falar mais. Planeara passar o resto da tarde — ou pelo menos até Zoe chegar a casa — comprazendo-se em autocomiseração. Mas as horas passaram depressa e, antes que desse por isso, ouviam-se chaves a abrir a porta.

— Mãe?

Alice descruzou as pernas e recostou-se, tentando parecer relaxada.

— Estou aqui, Ratinha.

Fora sempre uma alcinha perfeita para Zoe. Era pequena e fácil de passar despercebida, com inclinação para fugir sempre que alguém reparava nela. Passaram alguns segundos; em seguida, o rosto delicado de Zoe apareceu à porta.

— Porque é que estás deitada? — indagou.

Alice sentou-se. Nada escapava à miúda.

— O que foi? Uma mulher já não pode descansar?

Zoe estreitou os olhos.

— Como correu a consulta?

Alice procurou algo verdadeiro para contar à filha — uma verdade que não fosse pavorosa.

— Não tens motivos para te preocupares — acabou por dizer. — Ainda que tenha de ser submetida a uma pequena cirurgia na segunda-feira.

Houve partes do rosto de Zoe que empalideceram. Desde a infância que sentia pavor perante a possibilidade de que algo acontecesse a Alice, e, mesmo agora, sempre que a mãe ficava potencialmente doente — fosse uma consulta no dentista ou uma amigdalite —, Zoe estava atenta.

— Cirurgia ao quê?

— Pedras na vesícula. — Alice não planeara mentir; apenas deixou escapar isto pela boca. Sentiu logo o peso da mentira sobre ela.

Zoe respirou fundo.

— Mas... as pedras na vesícula não são, tipo, dolorosas?

— Podem ser quando aumentam de tamanho — disse Alice, na esperança de parecer autoritária. — É por isso que as querem tirar, antes que provoquem mais problemas. Terei de passar uns dias no hospital.

— Uns dias? — O rosto de Zoe perdeu toda a cor. — Então vou ficar aqui sozinha?

Zoe odiava ficar sozinha em casa, mesmo durante o dia. Era uma das ironias do transtorno de ansiedade social. Zoe não gostava de ficar sozinha; pelo contrário, não queria outra coisa além de estar com gente e em sítios inundados de burburinho e barulho. O problema é que, quando se encontrava numa situação daquelas, ficava tão preocupada com o que os outros pensariam dela, que ou tinha um ataque de pânico ou tinha de se ir embora.

Infelizmente, ficar na casa de uma amiga não era opção. Excetuando uma tentativa de passar a noite em casa de uma amiga aos 10 anos (que não correu nada bem), não dormiu noutra lugar além da própria casa.

— E se pedires à Emily que fique contigo? — sugeriu Alice.

Zoe corou.

— Ratinha? — insistiu Alice. — O que foi? Discutiste com ela?

— Pior — replicou Zoe. — Ela quer que tenhamos uma saída de casais.

O coração de Alice caiu-lhe aos pés.

— Quer dizer... é óbvio que não posso ir — continuou. — Mas se não for, a Emily também não pode ir. É uma situação do género «tudo ou nada». Não sei o que fazer.

Zoe lutava contra as lágrimas e Alice sentia vontade de chorar. *A Emily, não!*, queria gritar ao Universo. *Hoje não. Que mais nos vais tirar hoje?* Emily fora-lhes enviada por Deus. Desde que a sua amizade começara, Zoe transformou-se, isto é, melhorou. Começara a sentar-se no refeitório durante a hora de almoço, em vez de sozinha no exterior, e em casa passava horas fechada no quarto com a amiga, debruçadas sobre os telemóveis como adolescentes normais. Por vezes, Alice até ouvira Zoe usar calão, como «cenas» ou «bué» ou «tipo, não vai dar» (ainda que corasse de imediato, revelando que não lhe saía com naturalidade). Aos fins de semana, Zoe e Emily escarrapachavam-se no sofá a ver filmes enquanto consultavam o *Instagram* e o *Facebook* ou o que quer que estivesse na moda. Certa vez, Zoe apanhou-a a observá-las e chamou-a «sinistra», o que deixou Alice mais feliz. Era a mãe chata! Era tudo o que queria ser. A ideia de isso lhes ser retirado por causa (ou pela falta) de uma saída de casais era inimaginável.

— O que é o pior que pode acontecer? — perguntou Alice.

Jogaram este pequeno jogo durante vários anos sempre que Zoe sentia medo de fazer alguma coisa. Alice pedia-lhe que imaginasse o pior que poderia acontecer; depois comparavam-no a algo muito pior. («Posso tropeçar e aterrar com a cara no chão», diria Zoe, a que Alice responderia «O que não é mau de todo, se compararmos a...» «afogar em cocó de elefante», terminaria Zoe.) Na pior das hipóteses, riam um pouco. Na melhor, dava-lhe coragem para fazer alguma coisa.

— Posso ser humilhada e perder a minha melhor amiga? — retorquiu Zoe.

— O que seria terrível — concordou Alice. — Mas não é mau de todo, se compararmos a...

— ... algo te acontecer. — Zoe deu um passo em frente e deu-lhe um abraço repentino. Era evidente que a conversa sobre as pedras na vesícula a afetara. Alice tentou engolir em seco, mas a garganta de repente inchara.

Zoe afastou-se.

— E se eu for contigo? — gracejou Alice. — Posso ir disfarçada e sentar-me na fila de trás.

— Mãe!

— Ou posso ficar na entrada — Alice sorriu.

— Não.

— Ou quiçá — disse Alice, desvanecendo-se-lhe o sorriso —, pos-sas mesmo fazer isso?

Alice acenou para Zoe com o que esperava que parecesse confiança total. Sabia que, na melhor das hipóteses, Zoe voltaria volvida uma hora. Na pior, nem conseguiria sair pela porta.

— Mas sem ti? — perguntou Zoe.

Ergueu-se um alto na garganta de Alice. Conseguiria fazê-lo sem ela? Zoe olhou expectante para ela e Alice sorriu e anuiu enfim. *É claro que consegues sem mim*, dizia o seu sorriso. No entanto, não conseguiu dizer uma palavra.

Alice sempre achara que as pessoas davam um certo conforto. O barulho que faziam, o calor, os números. O potencial em cada uma delas. Se não se gosta de alguém, há centenas de outras pessoas que podem preencher o vazio.

Durante a infância, a casa de Alice era grande e ruidosa. Velha, mas confortável, com um grande jardim nas traseiras com uma impressionante casa na árvore construída pelo pai. Era a casa que todos os miúdos do bairro visitavam, onde entravam sem pedir licença. Havia sempre cadeiras adicionais à mesa de jantar. Uma vez, quando a família de Alice esteve fora durante o fim de semana, um amigo ligou-lhes a dizer que haviam deixado a porta aberta.

— Ah, sim — dissera a mãe de Alice. — Para o caso de alguém querer usar a casa na árvore enquanto estamos fora.

Ainda assim, havia também qualquer coisa em relação a estar sozinho. Quando se estava lá sozinho, era confortável. Ninguém exigia nada. Ninguém julgava. E havia outro motivo por que era preferível estar sozinho a estar com pessoas. Quando se está sozinho, ninguém nos pode fazer mal.

Quando Alice descobre que está gravemente doente, a saúde é o menor dos seus problemas. Zoe. O que será da sua filha, Zoe?

Alice e Zoe sempre viveram uma para a outra. Sem ninguém em quem se apoiar, Alice dedicou a sua vida à filha. Mas de um momento para o outro, a realidade desta família altera-se: Alice adocece e o prognóstico revela o pior cenário. Mais do que nunca, ela precisa de encontrar uma solução para o futuro de Zoe.

É então que duas completas desconhecidas trazem alguma esperança a Alice: Kate, a enfermeira oncologista, e Sonja, a assistente social que lhe fora atribuída durante os tratamentos. À medida que as quatro mulheres se vão conhecendo, acabam por lidar com problemas que há muito as atormentam. Juntas, encetam uma jornada de descoberta, que lhes permitirá enfrentar os seus medos e assumir os seus segredos mais profundos.

*Uma Mãe como Tu* é um romance inesquecível. A comoção e o humor da escrita de Sally Hepworth irão despertar os mais belos sorrisos, mesmo nos momentos mais sombrios.

O OUTRO TÍTULO  
DA AUTORA:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-14-2



9 789898 869142

Literatura Traduzida